

Polliana Cristina de Oliveira
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Universidade de Brasília – UnB
Palavras – chave: Metaficção Historiográfica, gênero, corpo feminino.

A demonização do corpo feminino e sua resignificação

“Write your self. Your body must be heard” Hélène Cixous¹

A partir da análise de algumas contribuições históricas, psicanalíticas e literárias, além de seu reflexo em uma efêmera amostra de romances da Literatura Inglesa Contemporânea, o presente trabalho – ainda em andamento – pretende contribuir para o restrito campo de pesquisas sobre a mulher. Este trabalho focaliza o processo da resignificação dos corpos femininos por meio da escrita de autoria feminina e sua relação com o repensar sobre a História Normativa, sob a égide do pós-modernismo. O ponto norteador dessa discussão é o conceito de metaficção historiográfica como uma forma de criação de uma história do possível, uma nova história das mulheres.

Hutcheon (1988:21) chama de metaficção historiográfica àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e recursos históricos. Esse tipo de ficção também proporciona, por meio de sua auto-reflexividade e combinação metaficcional, problematizar tanto a natureza do referente como a relação dele com o mundo real e tido como Histórico. Desse modo, a metaficção historiográfica faz explicitamente lançar dúvidas sobre a possibilidade de qualquer sólida ‘metanarrativa’, buscando na linguagem uma reafirmação das excentricidades e das subjetividades silenciadas.

As relações entre Literatura e História estão no centro de debate da atualidade e apresentam-se no bojo de uma série de reflexões: a crise dos paradigmas, o fim da crença

¹ CIXOUS, Hélène. “The Laugh of Medusa” (1975). In: ROBYN R. Warhol & Diane P.

nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social e a interdisciplinaridade (HUTCHEON, 2002). Um expoente dessa discussão, a crítica literária canadense, Linda Hutcheon, assume que a modificação que vem ocorrendo na História tem seu suporte no pós-modernismo que não nega a existência do passado, mas de fato questiona se jamais poderemos conhecê-lo, a não ser por meio de seus restos textualizados (HUTCHEON, 1991: 39-63). Ela sugere ainda uma reavaliação e um diálogo em relação do passado à luz do presente. Sob esse prisma, há de se considerar que a literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural; portanto, uma possibilidade de registro do movimento que realiza a mulher em sua historicidade, seus anseios e suas visões de mundo. Dessa forma, emerge o conceito que está na intersecção entre Literatura e História: a metaficção historiográfica.

Linda Hutcheon destaca como característica para o novo romance histórico a preocupação em discutir as relações entre ficção e história, assim como redefinir sua própria conceituação, como textualidade. A preocupação com o passado histórico, enfatiza Hutcheon, tem o objetivo de se voltar a ele criticamente, como propõe o pós-modernismo, utilizando-se de artifícios como a ironia, a paródia, a auto-reflexividade e a auto-referencialidade. Ao afirmar que a História não existe a não ser como texto, a produção pós-modernista não nega a existência dela, apenas chama a atenção para importância de reler o passado, uma vez que tal legado chegou até nós através de textos, que são criações humanas, e invariavelmente contribuíram para a formação dos mitos históricos hoje existentes. A autora acrescenta que a metaficção historiográfica atua, desse modo, dentro das convenções, não para negá-las, mas para subvertê-las. (HUTCHEON, 1988: 68).

A metaficção Historiográfica faz emergir uma história do possível, a história que conhecemos é reducionista e factual, e foi severamente criticada, entre outros, pelo pensamento feminista, haja vista que esta é considerada parcial, mentirosa e incompleta. O

pior problema não é ela ser parcial e ideologicamente condicionada, mas o fato de se pretender universal e esconder as bases ideológicas patriarcais, racistas e etnocêntricas sobre as quais está fundada. Esta história apagou e reificou as mulheres, naturalizou os papéis sexuais, fechou os olhos para tudo o que não lhe agradasse ver, assim as poucas mulheres que tem seu nome registrado são consideradas exceções são as santas, as rainhas as revolucionárias, não há registros da mulher comum, das pessoas infames. Criaram uma regra para as mulheres. Nas palavras de Michelle Perrot:

“ Os homens tomam a palavra homem no sentido universal. Os homens não são todo mundo. Pelas interrogações, pelo assunto, há uma interrogação e um ponto de vista feminino de abordar a história...Senti com as mulheres a dificuldade do invisível, da invisibilidade da história... elas são o proletário dos proletários”².

Perrot retrata, ainda, que “Em virtude da sua longa exclusão do campo da política, as mulheres estavam mais vinculadas ao âmbito social”³ apontando uma questão fundamental no pensamento feminista chamado por Gayle Rubin de sistema sexo-gênero:

“Conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas.”⁴

Enxergamos o mundo com os olhos que temos e que nos dão. A construção de nossa(s) visão(ões) de mundo é discursiva. As representações sociais, costuradas na rede de sentidos do imaginário dão sustentação à nossa epistemologia cotidiana. Representações sociais são construções discursivas. A ideologia é fundadora do discurso, sem a qual ele não existe. “ tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos”⁵. No entanto, o discurso está longe de ser unívoco. É composto de interdiscursos, apagamentos, vozes que ecoam numa caverna de sentidos e geram a fala do sujeito, com ou sem a sua consciência: “ O interdiscurso é todo o conjunto de formulações

² PERROT,Michelle. Entrevista com Michelle Perrot *in* cadernos Pagu, 4 ed pg 33

³ PERROT, Michelle. Entrevista...op cit pág 34

⁴ RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes in the political economy of sex,sd,pag 48

⁵ ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. 4ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002, p.28

feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”⁶. O interdiscurso é feito de silêncios, do não dito é uma “ausência de presença necessária”⁷. São estes silêncios que a metaficção historiográfica exalta em sua narrativa, a fim de reconstruir e reerguer a História das mulheres.

As feministas têm se apropriado do romance metaficcional historiográfico, no que tange à desconstrução do discurso histórico cristalizado e patriarcal vigente (DEL PRIORE, 1997:52), também denotado por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949) ao elucidar que as mulheres não tinham história, eram apenas objetos silenciados e manipulados em uma História Falocrata. A própria filósofa Francesa sabia que o território da história era relegado à apenas um sexo.

No entanto, a *práxis* da História das Mulheres alterou o conceito do objeto histórico, aproximando-o da literatura, do saber e da memória popular (LEITE, 1994:60-62). Acontece a chamada ‘operação resgate’, (ALMEIDA, 2002:147) em que há um interesse maior em outras narrativas, desconsideradas pela História Normativa, como as cartas, os diários, memórias, biografias. O que representa um desafio ao cânone e às próprias fronteiras do literário e do que pode ser considerado ou não histórico. Com o uso da escrita feminina, por meio de uma leitura reflexiva e racional das fontes tidas como ‘históricas’, essa *práxis* revela as armadilhas da visão patriarcal, o mascaramento de tantas outras perspectivas históricas que se perderam ao longo de um caminho em que as mulheres foram apagadas da ‘História’.

Destarte, a metaficção historiográfica é uma estratégia para que as mulheres escrevam sua ‘História da Diferença’ (SCOTT, 1990:12-22), embasada em suas experiências que foram silenciadas, dando a elas caráter histórico. Assim, com o romance pós-moderno, as mulheres reescrevem sua história. Em *The Laugh of the Medusa* a

⁶ Id, Ibid, pág 33

⁷ Id, Ibid, pág 34

psicanalista Hélène Cixous (1975: 350-359) afirma que “a mulher deve escrever sobre ela mesma: ela deve escrever sobre as mulheres e levar outras mulheres a escrever”. Cixous enfatiza que a mulher deve se colocar dentro do texto e, conseqüentemente, dentro da história e do mundo. A psicanalista estabelece, ainda, que pelo ato de escrever a mulher retoma seu corpo, que há muito tempo foi confiscado pela sociedade patriarcal. Ademais, com a escrita feminina, o corpo se materializa em discurso e conta sua ‘História’.

A importância de escrever o corpo feminino é também demonstrada por Christine Détrez, (2003:54) já que o mesmo é uma interface entre a individualidade no que tem de mais singular, e o grupo, mais igualmente entre a biologia e o social. O corpo age como um suporte para a carga de valores simbólicos, abrigando construções culturais e sociais, hierarquicamente organizadas. Assim sendo, o corpo das mulheres é uma questão política, que deve ser transposta pelo discurso, com o propósito de que se desconstrua os processos de ritualização do corpo feminino, sujeito à domesticação e dominação de seu sexo, que não é uno nem inferior, e de sua voz (IRIGARAY, 1977: 365). Susan Bordo (1997: 65) relata que o corpo da mulher é sempre mediado pela linguagem, ele é um texto, um signo e não apenas um pedaço de matéria carnal, entretanto o corpo feminino é colonizado pela hegemonia do desejo falocrata, tornando-se um corpo dócil (FOUCAULT, 1979: 74), cujas forças e energias estão habituadas por mera repetição ao controle externo, levando-o à sujeição.

A sentença da mulher não é infeccionada (GUBAR, 1979: 59), ao contrário, ela se fortalece cada vez mais e não há como negar que os corpos dessas mulheres escritoras e escritas clamam por sua História, cabe a nós ouvi-las, consoante Audre Lorde aconselha (LORDE, 1984:75). Portanto, a metaficção historiográfica é espaço vivo da reescritura dos corpos femininos, da reconstrução da História das Mulheres. Como exemplificações nessa linha temática há *Impassioned Clay* de Steve Davis, *The tree of Knowlegde* de Eva Figes ,

The Mistressclass, Fair Exchange, The Wild Girl de Michèle Roberts e *Penelopiad* de Margaret Atwood. Tratam-se de romances que buscam, por meio da escrita do corpo, uma reflexividade sobre a identidade feminina e sua História silenciada. “Uma nova História está chegando; não é um sonho” (CIXOUS, 1975:360), e esta história está, sem dúvida, intrinsecamente ligada aos romances metaficcionalis historiográficos.

Assim como menciona Michelle Perrot “o gênero se faz sexo, da mesma forma que o Verbo se fez carne”, homens e mulheres são identificados por seu respectivo sexo, em geral, as mulheres são prisioneiras dele, ancoradas por seus corpos. Não obstante, na literatura há uma total e palimpsesta subversão desses valores, mesmo que seja por pequenos atos, pode-se notar que os romances de autoria feminina quebram essa lógica falocrata e relem a história sob uma nova perspectiva: a reescritura de seus corpos, mulheres como agentes históricos e historicizantes.

Um outro destaque quanto aos resultados da pesquisa se deve à transparência do deslocamento centro-periferia no discurso de autoria feminina. Simplesmente não há mais essa dicotomia e isso é notado em diversas dimensões dos romances, seja na organização dos capítulos, na representação das personagens ou até mesmo nas temáticas antes silenciadas pela História Normativa.

Dado o ensejo, cumpre estabelecer que os romances metaficcionalis historiográficos de autoria feminina utilizados no projeto não se limitam, tão-somente, à inferiorização da História Normativa e a tentativa de implantar uma nova ordem. O que realmente acontece é que esse *corpus* determina novas perspectivas, antes caladas por um sistema que admite apenas uma ‘verdade’. Os romances metaficcionalis historiográficos refletem sobre a História e a questionam, a fim de que plantem dúvidas em seus leitores quanto aos acontecimentos tidos como ‘sagrados’.

E como é a fala de Cixous “sua carne fala verdade”, o corpo é o grande protagonista dos romances retrocitados. As autoras dão voz ao seu corpo que se materializa em discurso e, dessa forma, (des)constrõe sua subjetividade, que há tanto era deixada de lado. As autoras dos romances metaficcionalis historiográficos libertam seus corpos marcados e relêem sua história, refletem sobre ela e descobrem-se sob essa nova luz.

Referências Bibliográficas

ATWOOD, Margaret. *The Penelopiad*. Edinburgh: Canongate, 2005.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. v. 1.

BORDO, Susan R. e JAGGAR, Alisson M (ORGs.). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1997

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge, 1990.

CIXOUS, Hélène. “The Laugh of Medusa” (1975). In: ROBYN R. Warhol & Diane P. Herndl. *Feminisms. An Anthology of Literary Theory and Criticism*. Rutgers University Press, New Brunswick 1997 (revised edition).

CODE, Lorraine (ed.). *Encyclopedia of Feminist Theory*. London: Routledge, 2000.

DAVIES, Steve. *Impassioned Clay*. London: The women’s press, 1999

DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino” In: _____. (orgs) *História das mulheres do Brasil*. 2 ed. Pp. 78-114. São Paulo: Contexto, 1997.

DÉTREZ, Christine. Santas ou feiticeiras: a construção social do corpo feminino. *Labrys – Estudos Feministas*. agosto./dezembro 2003, número 4. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 05 ago. 2006.

FIGES, Eva. *The tree of knowledge*. London: Minerva, 1992

GILBERT Sandra e GUBAR Susan. “The infection in the Sentence”. In: *The Madwoman in the Attic*, pp. 85-6. London: 1979.

GROSSI, Miriam Pilar et alii. *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2002

GOULD, Carol C. et alii. *Key concepts in critical theory gender*. Atlantic Highlands: Humanities Press International Inc., 1997.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de et alii. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: História, Teoria e Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. “A incredulidade a respeito das meta-narrativas: articulando pós-modernismo e feminismos”. *Labrys – Estudos Feministas*. julho./dezembro 2002, número 1-2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 05 ago. 2006.

KRISTEVA, Julia. “Women’s time” (1981). In: ROBYN R. Warhol & Diane P. Herndl. *Feminisms. An Anthology of Literary Theory and Criticism*. Rutgers University Press, New Brunswick 1997 (revised edition).

KING, Karen L. *The gospel of Mary of Magdala: Jesus and the first woman apostle*. California: Polebridge Press, 2003.

LAURETIS, Teresa de. "Eccentric Subjects: Feminist Theory and Historical Consciousness." In: *Feminist Studies* 16 (Spr 1990): 115-150.

- _____. "Displacing Hegemonic Discourses: Reflections on Feminist Theory in the 1980s." *In: Inscriptions* nos. 3/4 (1988): 127-144.
- LEITE, M. L. M. *Historia das Mulheres*. Revista USP, São Paulo, v. 23, p. 56-62, 1994.
- LIPOVESTKY, Gilles. 2000. *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminismo*. São Paulo: Cia. das Letras.
- LORDE, Audre. *Sister Outsider*. Freedom: The Crossing Press, 1984.
- MITCHELL, Juliet. *Woman's State*. London: Penguin Books Ltd., 1982.
- MOI, Toril. *Sexual/Textual Politics – Feminist literary theory*. London: Meethuen Co., 1987.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. "Usos e limites da categoria de gênero" *In: Cadernos Pagu* (11), 1988 pp.99-105
- PESAVENTO, Sandra Jatahy(org.). *Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.
- PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- RAGO, Margareth et alii. *Narrar o passado, repensar a História*. Coleção Idéias 2. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.
- ROBERTS, Michèle. *Fair Exchange*. London: Virago Press, 2000.
- _____. *The Wild girl*. London: Virago Press, 1984
- _____. *The Mistressclass*. London: Little Brown, 2003
- ROBYN R. Warhol & Diane P. Herndl. *Feminisms. An Anthology of Literary Theory and Criticism*. Rutgers University Press, New Brunswick 1997 (revised edition).
- ROSALDO, Michèle Z. "Woman, Culture, and Society: A Theoretical Overview." *In: ROSALDO, Michèle Z., and LAMPHERE, Louise (eds.). Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press, 1974.

RUBIN, G. *O Tráfico de Mulheres: Notas Sobre a "Economia Política" dos Sexos*. São Paulo: Rocco, 1993.

SCOTT, Joan W. "Experiência – tornando-se visível". In: *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, dez. 1990.

WITTIG, Monique. "The marks of Gender". In: MILLER, Nancy K. *The Poetics of Gender*. New York: Columbia Press, 1986

WHITE, Hayden. *Tropics of discourse*. Baltimore: Johns Hopkins Univ Press, 1982

_____. *Meta-história. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.